



Teatro de marionetes

ou ensaio sobre a mecânica
descritiva da desertificação
dos homens

Jofredino Faife



Teatro de marionetes

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

impresnacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/impresnacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Jofredino Faife
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Teatro de Marionetes

AUTOR

Jofredino Faife

EDIÇÃO E REVISÃO

Diogo Morais Barbosa

CAPA

Rita Múrias

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO

Novembro de 2023

ISBN 978-972-27-3153-9

DEPÓSITO LEGAL 522208/23

EDIÇÃO N.º 1026210



Teatro de marionetes

ou ensaio sobre a mecânica
descritiva da desertificação
dos homens

Jofredino Faife



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Primeira Parte
Bem-vindos à Utópia

1

Prólogo

Ou o Éden perdido

O sangue, pânico. O céu escuro, estrelas. O chão abrindo-se, acolhedor. E Deus que tardava. Havia Deus? O corpo estranhamente leve, plúmeo. E o tema recorrente: o sangue, morno, escorrendo como um rio. As vozes dos endemoniados: maníacos, filhos do adultério; mulheres de má fama, sensuais demais, masculinas demais, mulheres demais. O Deus antes tardio fazendo-se ausente, aos poucos, decididamente, definitivamente.

Que estranha forma de morrer! Que lugar estranho para morrer! Que dia infeliz para morrer! O sangue, agora preguiçoso ou drenado ao extremo, adensando-se, cessando de correr. E os endemoniados mais presentes agora, quando a vista se faz escura. O frio: frio é bom. O Inferno: Inferno é quente. Na verdade, os mortos não sentem nada. Sentir, ainda que fosse o leve desconforto do frio, era sinal de vida. «Sinto, logo vivo.» O renovado

cogito cartesiano. E para permanecer no tema cartesiano: ainda que fosse pelo simples facto de o afastar do recorrente tema do sangue (céus, lá vem ele outra vez!), pensar na morte era já por si uma prova inequívoca de que estava vivo. «*Cogito, ergo sum.*» Assim, dito santamente, na língua mais próxima de Deus, o *cogito* cartesiano despiu-se de toda a secularidade. Coberto pelo manto da santidade (tão santa era a boca que o enunciava), o *cogito* era mais uma jaculatória para quem sentia a vida esvaír-se-lhe pelas veias, num mar de sangue.

De novo o tema que tentava evitar: o sangue. Caberá tanto sangue dentro de um homem, ou será mais um milagre? Talvez Deus não esteja distante, enfim. Ele nunca abandona os seus. Foi assim com Abraão, assim com Moisés, assim com Cristo. Cristo? Merecia ele, reles mortal a quem a lotaria da vida havia bafejado com o dom da pregação, experimentar o que Cristo experimentara na morte? Era chegada a hora de clamar «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste»? Toda esta torrente de pensamentos fluía como o sangue abandonando o seu corpo.

O tema recorrente: sangue. Estaria a morrer? Decididamente não, não antes do melhor sermão da sua vida. Mas como explicar o sangue, os loucos, as vozes e até Deus, esse péssimo anfitrião que se recusava a recebê-lo, logo a ele, que havia sido só

santidade? Estaria reservada para si uma última prova, à semelhança dos antigos profetas? Onde estaria o seu Isaac, o cordeiro sacrificial do novo Abraão? Porque ele era o novo Abraão, pai de uma nova nação: Utópia. Aquele era o seu derradeiro teste. Diferentemente do outro, o novo Adão que ele era a intervalos criava um novo Éden. Era uma obra em progresso, mas era Éden.

Tinham sido pouco mais de trezentos os colonos a fundarem Utópia, sem contar com as mulheres, porque essas não têm alma. Carne de Adão, as mulheres sempre foram criação do homem, e sabe-se que só a Deus coube a ingrata missão de distribuir almas. Os homens, embora feitos à sua imagem e semelhança, estão longe de serem divinos. Isso aplica-se a todos quantos não cabem no punhado que agrupa Abraão, Jacob, Moisés – e o reverendo. Sobretudo ele, agora que era um quase morto habitando o Limbo, enquanto Deus testava a sua fé ou passeava o cachorro divino no jardim celestial (por que outro motivo tardaria a materializar-se?).

Resolvida a questão do cachorro de Deus, o reverendo retornou ao êxodo, à fundação de Utópia. Trinta homens, talvez cinco a oito vezes esse número de mulheres. Não se lembrava ao certo se era uma imitação dos antigos profetas ou a solução de um problema matemático, mas fora durante o

êxodo que se adotara a poligamia. Era eficaz em multiplicar exponencialmente os colonos, agora transformados numa comunidade vibrante, um pouco por conta da sua descomunal fecundidade, um pouco graças à capacidade de interpretar os escritos sagrados. Isso permitia-lhes multiplicar escravos fornicando com as escravas. Chicoteavam-se e repetiam como possessos: «Recorda-te dos teus servos Abraão, Isaac e Israel, aos quais juraste por ti mesmo, dizendo: “Multiplicarei a vossa descendência como as estrelas do céu, e toda a terra que vos prometi, dá-la-ei aos vossos filhos, para que a possuam para sempre.”» Depois lavavam os pés e as mãos.

Porque voltava o sangue? O reverendo podia ver o rosto refletido no chão, enquanto o seu corpo santo era contaminado pelos endemoniados (maníacos, filhos do adultério; mulheres de má fama, sensuais demais, masculinas demais, mulheres demais), que o tentavam reanimar. Embora tencionasse viver mais de cem anos, à moda dos antigos homens de Deus, agora, que começara a trabalhar no testamento, dedicava algumas linhas à sua morte. O seu corpo santo seria levado à boleia de dois anjos de luz, despachados por Deus em pessoa para tão nobre missão.

Agora que Deus tardava no despacho dos anjos, muito ocupado a passear o cachorro divino,

começava a pensar que talvez – mas só talvez – ainda não tivesse chegado a sua hora. Esboçou um breve sorriso, enquanto os seus olhos esbugalhados se dividiam entre o reflexo no sangue e a horda de endemoniados que habitava o sanatório. Seria vesgo? Como podia o seu olhar captar tanto? E porque ninguém lho dissera antes? Ao pensar no assunto, tudo fazia sentido. Não precisava do seu olhar vesgo no Paraíso.

No preciso momento em que pensava nisso, aconteceu a queda. O corpo antes plúmeo, que flutuava no vácuo, tornou-se terrivelmente pesado, dormente. Os olhos, opacos. O sangue, estático. Só o breve sorriso permanecia incontrastado. A soma de todas estas coisas conferia uma expressão demoníaca ao rosto do ex-reverendo, não mais do que carbono destinado a deixar-se comer pela Mãe Terra, enquanto a sua árvore crescia. Algum dia, com muita sorte, os seus galhos acolheriam pássaros. Os residentes do sanatório tinham a opinião simpática de que isso era muito mais do que o reverendo merecia.

O alarme soou, o reverendo desexistiu. Tudo isto ocorreu no mais pequeno fragmento de um demorado instante.

2

O Inferno antes do Éden

Ou a ascensão do sagrado

O mundo era então um lugar diferente. Quando digo «mundo» refiro-me ao que sobrava dele, depois que o levante de todos contra todos havia varrido quase totalmente o pedaço de humanidade que vivia sobre a face da Terra.

Antes que me façam perguntas sobre mundos alternativos, viagens interestelares ou qualquer coisa desta espécie, permitam-me dizer que tinham sido precisamente as viagens interestelares a iniciar o levante de todos contra todos. Não as viagens em si, mas a interpretação que os conservadores da tríade «Estado, Deus, Família» faziam delas. O facto, diziam os conservadores, é que, ao proporem a colonização de outros planetas, os progressistas da tríade «Mercado, Ciência, Indivíduo» (que tríade blasfema!) desprendiam o homem das suas raízes simultaneamente terrenas e divinas. O Apocalipse e todas as outras escrituras sagradas deixavam

de fazer o mínimo sentido. Não adiantava dizer que a viagem interplanetária seria o novo e definitivo êxodo, porque não deviam esperar os homens senão o novo céu e a nova terra que, no final das contas, era a antiga terra depois do toque das trombetas divinas e da abertura dos céus para o Juízo Final.

E assim o mundo dividiu-se em dois. Os conservadores ergueram cortinas invisíveis e criaram pequenas comunidades ultraconservadoras e teocráticas, que se multiplicavam como cogumelos selvagens em terreno húmido. Enquanto isso, do outro lado da cortina, o mundo liberal da tríade «Mercado, Ciência, Indivíduo» acertava novos e precários equilíbrios a cada colapso financeiro, vendendo promessas de uma humanidade interplanetária impulsionada a explorar o espaço sideral pelo sopro mais que visível da criativa deusa Ciência. A diferença entre crescer num dos cogumelos conservadores da tríade «Estado, Deus, Família» ou no mundo livre dos liberais progressistas da tríade «Mercado, Ciência, Indivíduo» era como a inconciliável diferença entre a noite e o dia.

Aos poucos, o mundo ficou pequeno para tão diferentes visões. Os conservadores suportaram o escárnio dos progressistas com uma vida regrada, de jejuns, preces e todas as formas de austeridade. Os progressistas toleraram a sofrida vida dos

conservadores com crescentes acenos ao lado bom da vida (como costumavam chamar ao seu pedaço de mundo) e a mesma compaixão com que se assiste a um palhaço a chorar, no semáforo da estrada, após uma intensa jornada de trabalho e bolsos vazios.

O novo arranjo funcionou durante algum tempo, enquanto o sonho que os progressistas tinham de conquistar o espaço interestelar não passava de sonho. Quando os conservadores souberam da data marcada para a partida do primeiro comboio levando colonos para o planeta vermelho, deu-se o pandemónio. Os cogumelos de conservadores uniram-se em nome de Deus para uma nova e definitiva cruzada santa contra os hereges progressistas liberais. Estava justificado o derramamento de sangue dos liberais pela salvação das suas almas. E, se Deus estava com os conservadores, quem estaria contra eles?

Assim começou a Terceira Guerra Mundial. Ninguém a havia visto chegar. Bom, não exatamente. Enquanto os analistas sociais do mundo livre listavam sólidas razões para a guerra (sendo que nenhuma delas era a salvação das suas pobres almas), os profetas do mundo conservador rezavam e jejuavam intensamente para que não chegasse o dia em que o mundo louco (assim denominavam a outra parte do mundo) enlouquecesse de vez e

6

O problema com os indígenas

Ou sobre o lugar do homem na Terra

Os colonos que iniciaram o êxodo eram trinta. Trinta, sem contar com as mulheres, porque essas não têm alma. Trezentos fundariam Utópia. Trezentos, sem contar com as mulheres, porque essas não têm alma. À força do estupro coletivo e privado, somado a estranhos arranjos casamenteiros, os colonos e a própria comunidade do êxodo multiplicaram-se como cogumelos selvagens após a chuva. Entre mortos e nascidos, podia dizer-se que os homens haviam cumprido heroicamente a sua missão de se reproduzirem e encherem a Terra.

Assim que colocaram os pés no vale, o homem-deus no espelho mandou recensear todos os habitantes. Valendo-se da parábola bíblica dos talentos, era importante saber quantos talentos o Senhor colocava nas mãos dos colonos para que, no Juízo Final, pudessem demonstrar matematicamente que haviam rendido.

Um problema colocou-se desde logo: assumindo que não era mandato divino que os homens multiplicassem montanhas, tratava-se de recensear fauna e flora. O problema consistia em saber se podiam os indígenas ter alma. Esta questão, aparentemente marginal para a demografia, era decisiva, pois dividia os conselheiros do reverendo. Uns argumentavam que, se os indígenas não tivessem alma, não fazia sentido recenseá-los. Era uma questão de coerência: se não haviam contado as mulheres durante o êxodo, porque contariam outros seres desprovidos de alma? Alguns argumentavam que, tal como a primeira tarefa de Adão no Éden fora nomear os animais, não se dominava o que não se definia matematicamente. Outros ainda, mais pragmáticos, notavam que a questão da alma não era crucial para a estatística, pois, se se contabilizavam as árvores e o gado, tudo podia ser contabilizado.

No fim, sem nada entenderem, os indígenas viram-se contados, identificados com um número todo seu, bem como os seus pés de limão e as suas vacas. A princípio, reagiram àquele exercício do homem branco exibindo os seus largos dentes brancos, como que a pedir que os contassem também. Mas, quando o homem-deus no espelho se mostrou preocupado com a necessidade de reduzir o rácio «colonos-indígenas» de 1:4 para o

Relatório de progresso 2

«Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos», disse-me ele quando partilhei o meu embaraço em lidar com a avalanche de supostos loucos que se abateu sobre o sanatório nas últimas semanas. De nada valeu dizer que, dado o atual estado de coisas, Deus tinha muito com que se preocupar para dedicar um instante que fosse àquele pedaço de mundo. Ou isso, ou então tirara umas férias, porque o mundo parecia seguir mais a imprevisibilidade inerente ao caos do que alguma ordem.

As minhas palavras foram como um soco no estômago do reverendo. Na ausência de uma metáfora melhor (entendo mais de animais do que de humanos), direi apenas que parecia uma fera a proteger as crias. O reverendo protegeu Deus do meu ataque inócuo como uma fera protegeria as suas crias do mais mortal ataque. Mordeu o indicador e, enquanto permanecia com ele entre os dentes, rodopiou sobre os calcanhares, soltando grunhidos abafados até que o dedo sangrou. De seguida, como

se quisesse lançar-me alguma maldição, sacudiu a poeira dos pés e, quase que protegendo Deus debaixo das suas asas invisíveis, deixou-me pregado e saiu proferindo insultos inofensivos. Aquilo era digno de um homem de Deus.

Esta atuação do reverendo, mais do que ajudar, colocou uma lente de aumento sobre os meus problemas. Acabava de testemunhar um dos raros momentos de loucura naquele sanatório. Embora não pudesse afirmá-lo com certeza, a ideia de que a loucura talvez fosse apanágio exclusivo do reverendo começou a martelar dentro de mim.

Mais uma vez, eu não tinha as ferramentas necessárias para entender os desgraçados que me eram enviados ao sanatório. Enquanto o reverendo resolveu fazer as vezes do exorcista, o meu trabalho limitava-se a observá-lo. Depois que o homem-deus no espelho se deixou vencer pelo ciúme do Diabo, o que levou ao fim dos exorcismos, o sanatório ficou por minha conta. Os médicos sempre me disseram para ter cuidado com o que eu desejava, porque, por estranhas vias, poderia tornar-se realidade. Talvez por ganância, ou por ócio, ou ainda por uma leve satisfação em desobedecer aos seus comandos pondo-me a pensar com a minha própria cabeça, eu desejava um sanatório e o reverendo fizera questão de o materializar, com falsos loucos e paredes verdadeiras.

Para o caso de ainda não ter ficado claro, sou veterinário, apesar de mal ter chegado a praticar o ofício. E o problema é que os dias neste sanatório ajudaram-me a compreender que, diferentemente dos animais, os humanos deveriam vir com um livro de instruções. Seria tudo mais fácil.

Aproveito a ocasião para agradecer ao reverendo cronista pelos livros de instruções que fez chegar a este canto do mundo: Pinel, Freud, Bleuler, Lacan, Jung, Janet, Klein, Silveira, Foucault, quinze livros da Bíblia da revolução com comentários pessoais do clérigo e uma lista de livros a não ler, começando e terminando, estranhamente, em C. Rogers. Que família amaldiçoada deve ser a dos Rogers, para ter dois dos seus na lista de autores proibidos!

Acho particularmente malucas as teorias de Freud. Parece-me que o clérigo deixou os seus livros à disposição para que sirvam de triste memória de um homem tomado pela cocaína. Se há, entretanto, um erro que não se pode imputar ao jovem psicanalista, é o de não ter sabido quando nascer. Tivesse nascido durante a Terceira Guerra Mundial e ter-lhe-íamos colocado um saco de cimento no colo, atirando-o em seguida ao rio. Não há pecado que Freud não instigue: do parricídio ao incesto, com toda uma série de ilicitudes pelo meio.

ÍNDICE

7

Primeira Parte
Bem-vindos à Utópia

101

Segunda Parte
Teatro de Marionetes

231

Terceira Parte
Prelúdio para um fim

No início desta história, um homem jaz inerte no chão de um sanatório que ele mesmo construía. Inspirado por um estranho deus que lhe fala através do espelho, deixara uma civilização fustigada pelos efeitos da guerra para colonizar o vale de Utópia, depois comandado por ele com braço de ferro. Se, à superfície, os habitantes desta cidade obedecem aos princípios da ordem e do enformigueiramento social, um grupo de dissidentes instalado no subsolo ensaia uma resistência. Mas tanto as formigas da superfície como os ratos dos esgotos ignoram um facto que muda tudo: fazem ambos parte de uma grande experiência de hipnose coletiva.

Com um vasto leque de personagens inesquecíveis, *Teatro de Marionetes* é uma rara proposta literária, uma narrativa distópica com tendência para a ficção científica, na qual se esbatem os limites entre ordem e desnorte, loucura e sanidade e, até, realidade e fantasia.

Apoio

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L